

SOFRE



Alma presa aos grilhões do barro obscuro,
Sofre a imensa tristeza que te invade,
Tecendo as asas da Imortalidade,
Para a ascensão sublime do futuro.

Além do chão terrestre áspero e duro,
Brilham jardins de sol na Imensidade
E palácios divinos de ouro e jade,
Emoldurando as glórias do amor puro.

Sofre no chavascal, mas luta e avança
Sob a luz da Bondade e da Esperança,
Padecendo e chorando por vivê-las!

E, ave subindo às amplidões supremas,
Em breve romperás trevas e algemas,
Para fulgir na pátria das estrelas.¹¹

Cruz e Souza

Reformador | Dezembro de 1955

¹¹ Segundo consta do original, o soneto foi recebido em reunião da noite de 13/09/1955, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Não há referência de local.

MENSAGEM



Nosso intercâmbio prossegue ativo.

Não mais com papel e tinta, mas com alma, pensamento, coração... Através da comunhão espiritual, a ideia fulgura, viva e brilhante, e, por ela, os corações vivem juntos, na mesma faixa de esperança e de amor.

Ainda assim a carta grafada vale por reafirmação de ternura e valho-me do expediente que passou para reiterar-te a confiança de sempre, no carinho insuperável que fica.

Efetivamente, não temos novidades a relatar.

Nas linhas da tarefa que nos foi confiada, não podemos trair a continuidade, a sequência, o ritmo... Em razão disso, tudo que procurássemos redizer não teria outro sentido além do apelo que será justo sintetizar com as nossas velhas palavras: "Para a frente!".

Não vemos, ainda assim, como não comentar a necessidade de aplicação direta dos princípios superiores que esposamos, nesta hora em que a tormenta ruga, por toda a parte, ameaçando-nos com a subversão dos legítimos valores da vida. É desnecessário profetizar a decadência quando o homem respira, no mundo, pavoroso momento de transição. E ao sopro destruidor das grandes provas morais, que varrem a Terra, é imperioso resguardar nosso próprio espírito no santuário da ação, porque somente o refúgio no bem será o antídoto eficiente contra o "morbus" do desequilíbrio e da morte a espalhar-se na atmosfera da humanidade.

Indubitavelmente favorecidos com a bênção do Espiritismo que veio ao nosso encontro, em nome do amor paternal de Deus, nele percebemos o clima de regeneração que nos é necessária, proporcionando-nos valioso material de reconstrução do próprio destino, mas não podemos recebê-lo à maneira de quem recolhe um prêmio gracioso da Bondade Celeste e sim como instrumento de nosso próprio resgate.

Nossos templos de fé representam abençoado pousio da alma, o correio entre os dois mundos é motivo de preciosas consolações e a mediunidade conduzida para o bem como que se assemelha à porta de reencontro entre homens e anjos. Entretanto, meu filho, somos ainda o que fomos. Retalhos de sombra ante a glória da luz, consciências endividadas à frente da Lei, reclamando a reabilitação de si mesmas, corações esperançados no Céu, mas ainda no cárcere das próprias paixões e, por isso mesmo, chumbados ao solo escuro do planeta.

A qualquer tentame de elevação somos retidos pelo volumoso lastro de nossos débitos e daí os conflitos que surgem dentro de nós, inclinando-nos, por vezes, à desesperação e ao desânimo.

Continuemos, assim, resolutos a serviço da educação que nos restaure, restaurando aqueles que nos partilham a estrada.

Com a nossa trilogia de paz, caminhemos para diante.

Com o Evangelho, semearmos o amor. Com o Espiritismo, difundiremos a luz. Com o Esperanto, desenvolveremos a fraternidade.

Amando e iluminando, irmanemo-nos uns aos outros.

Tanto quanto nos seja possível estimulemos nossos companheiros espíritas-esperantistas à fundação de núcleos de estudo e trabalho, capazes de acelerar a marcha da evangelização, do esclarecimento e da solidariedade das criaturas e dos povos.

Não basta estejamos armados de conhecimento superior para que atinjam a Vida Mais Alta.

Ideias e ideais são as raízes de qualquer realização na vida e precisamos mobilizá-los no engrandecimento de todos, a fim de que a nossa edificação prossiga em segurança.

Os recursos materiais na Terra fazem monumentos e máquinas, entretanto só o caráter e o sentimento criam operários e valores suscetíveis de aproveitá-los na exaltação do progresso. Ainda que o nosso esforço não possa ser entendido de pronto, não desfaleçamos, continuemos abrindo sulcos na inteligência para que o homem desperte e viva entendendo a missão que lhe cabe no concerto da obra divina.

Guardemos nossos olhos e ouvidos, pensamentos e corações contra qualquer nuvem de incompreensão e discórdia, exclusivismo e intolerância, e, decerto, plasmaremos nova senda ao porvir, em favor de nós mesmos.

Imenso é o combate, mas à distância dos milênios que se foram possuímos os milênios que virão. E os séculos porvindouros serão, invariavelmente, o reflexo do "agora".

Soldados da luta cristã, sustentemos a chama de nossa fé na vanguarda.

Firam-se-nos os pés ou jorre sangue de nossas feridas, sejamos fiéis hoje e sempre.

Ofereçamos a Deus no campo do mundo o melhor de nossas vidas e em contraposição às trevas de ontem veremos surgir no horizonte, ainda hoje, a gloriosa alvorada que nos espera amanhã.

Abraços muito afetuosos do teu¹²

Abel

Reformador | Janeiro de 1956

¹² Abel Gomes. Não consta do original o local da psicografia.

FAÇAMOS A LUZ



Não olvides quem vai gemendo em rumo incerto,
Na cruz da expiação que chora e desatina,
Varando o turbilhão de miséria e neblina
Entre o vento da noite e a sede do deserto.

Medita e traze à dor o coração desperto
No pão que reconforta e no verbo que ensina.
Desdobra sobre o mal a bondade divina.
Semeia, enquanto é hoje, o amanhã que vem perto.

Embora desditoso, humilhado e sozinho,
Segue plantando o amor nas margens do caminho,
Sustentando contigo a fé sublime e forte.

Ampara, alenta, ajuda, esclarece e levanta,
Que o bem, seja onde for, é a luz piedosa e santa,
Que clareia na Terra e brilha além da morte.¹³

Amaral Ornellas

Reformador | Fevereiro de 1956

¹³ Segundo consta do original, o soneto foi recebido durante reunião comemorativa do aniversário do Centro Espírita Luz e Humildade, de Belo Horizonte, Minas Gerais, na noite de 24/09/1955. Também publicado na edição de outubro de 1978.